

## Os socalcos de Portugal

por Adelino Gouveia

Quem ergueu tão majestosa obra que resiste à fúria das tempestades?

Que gente é esta, que teimosamente levanta, repara e lavra o socalco?

São bisavós de engenheiros, de doutores, de eclesiásticos, de governantes, de jornalistas, de poetas e escritores.

São pedreiros, ferreiros, moleiros, carpinteiros, pastores e lavradores.

Desde o fundo dos tempos que o povo dos campos vem levantando socalcos.

No Continente, são lavrados com os bois;

Na ilha da Madeira, chamados poios, são cavados à enxada, puxando a terra para cima para não cair para o poio de baixo

Há escadarias de socalcos por esse Portugal fora que são de uma rara beleza:

Uns sobem para as serras, outros descem para os rios e ribeiras, alguns encostam-se aos rochedos, há-os plantados à beira mar.

Em linguagem figurada, são rugas de camponeses-lavradores visíveis da nossa paisagem rural. Desde há séculos que nos socalcos se vem praticando a policultura: forragens, milhos, centeio, trigo, feijão, hortícolas. Estão separados uns dos outros por cordões de fruteiras. Vestem-se de verde no Inverno; desnudam-se no começo da Primavera; no Verão apresentam-se dourados; despem-se no Outono.

Cada vereda, do socalco mais elevado ao mais baixo, obriga-nos a pensar em canseiras e a te rum profundo respeito por quem os sobe, os desce, todos os dias, todos os anos, uma vida inteira, carregando aos ombros e à cabeça os estrumes e as colheitas. Pêlos socalcos passaram muitas gerações de camponeses-agricultores, de todas as idades, de ambos os sexos, em anos de fome e de abundância. A sua história é a de séculos de sofrimento, de resistência à morte, de luta pela sobrevivência. Foram também, ao longo da sua existência, o palco de muitos conflitos! Muito sangue por aqui foi derramado! Se os seus mortos ressuscitassem, morreriam de susto ao ver abandonado o palmo de terra por que morreram!

Alguns não permitem a entrada do tractor, outros nem a junta de bois, muitos, por serem tão estreitos, só a enchada.

Dizemos com toda a segurança que foram os socalcos que criaram lugares, aldeias e freguesias serranas e o maravilhoso anfiteatro em que assenta a cidade do Funchal.

É maravilhoso para todos nós contemplar os nossos socalcos arranjados, produtivos, parecendo jardins suspensos.

Na maioria dos casos, só os cultiva quem não tem mais nada para cultivar e se vive só do que neles é produzido, nunca passa da cepa torta. Dispensa grandes canseiras para cultivá-los e vive sempre pobremente!

Se queremos continuar a mantê-los, pela sua beleza, originalidade, como uma atracção do Portugal

rural, precisamos de compensar quem os conserva e repara, para que não se vá embora.

Quando o camponês-agricultor deixar de os trabalhar, não mais se ouvirão as chamadeiras a chamar pêlos bois, os lavradores a conduzir o arado, as lavradeiras a espalhar os estrumes, o semeador a semear a semente, o carro dos bois a encher de música os caminhos das aldeias serranas.

Não mais se ouvirão vozes de crianças gritando assustadas que a água já chegou ao fim do rego, como se fosse para abafar o murmúrio das águas que já tombam pelas paredes do socalco.

Nascerá uma tristeza profunda no olhar de quem os vê caídos, abandonados, mas ainda com sinais de que num tempo bem perto de nós eram o palco, onde o camponês-agricultor representava as belas cenas da vida campestre: vindimando, semeando os cereais, sachando, ceifando e recolhendo os milhos para os espigueiros.

Não será possível separar certos povos dos seus socalcos sem a desertificação de aldeias e freguesias inteiras.

Até aqui, têm sido mantidos e cultivados graças à entre-ajuda de familiares e vizinhos.

Quando, alguns já vão ficando a "monte", ou são florestados, é porque uma família envelheceu e os filhos abandonaram o "lugar".

De enxurrada para enxurrada, de ano para ano, alguns vão desaparecendo, arrastando consigo a história laboriosa de um povo que por ali passou, revelando a incapacidade de investigadores e governantes em adaptá-los aos novos condicionalismos exigidos pelo grande espaço comunitário.

Por enquanto, não estão perdidos, pelo menos, todos perdidos! O pior que lhes pode acontecer é serem avaliados como coisa desprezível na nossa paisagem rural e condenados a desaparecer por não responderem à pergunta "manter a que custos?" concebida, em prenúncio de morte, por economicistas e governantes.